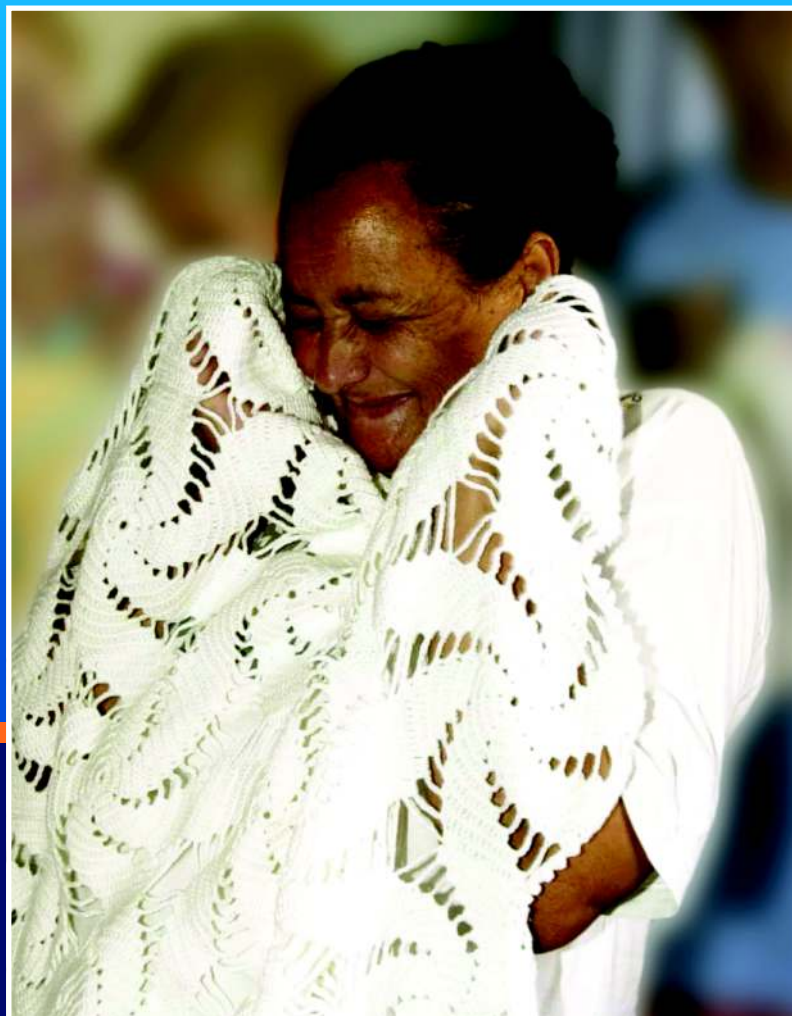




GRUPOS DE MULHERES

Uma história de arte e cidadania



Série: Tecnologia Social - Volume 2

Grupos de Mulheres: uma história de arte e cidadania

Cadernos FEAC

FEAC

Presidente Conselho Curador 2003/2004

Darcy Paz de Pádua

Presidente Diretoria Executiva 2003/2004

Edmir Bertolaccini

Superintendência Executiva

Arnaldo Rezende

Departamento de Comunicação

Vanessa Taufic

Texto

José Pedro Martins (consultor)

Apoio técnico Caderno Grupos de Mulheres

Nadir Semenzin Braga da Silva

Coordenadora Programa Mulher, Arte e Cidadania

Andréa Rebollo

Equipe responsável

Márcia Maria Pala de Lima

Correspondência

Rua Odila Santos de Souza Camargo, 34, Jardim Brandina,
CEP 13092-540 - Campinas - SP

info@feac.org.br • www.feac.org.br

(19) 3794.3500 / 3511 / 3512

Coordenação editorial

Maria Fernanda Moscheta

Silnia N. Martins Prado

Capa e projeto gráfico

Qualis Comunicação Integrada

Fotografia

Humberto de Castro

Arquivo FEAC

Revisão

Sandra Aymone

Realização

Editora Fundação EDUCAR DPaschoal

www.educardpaschoal.org.br

F: (19) 3728-8129

A Coleção Cadernos FEAC é uma iniciativa da Fundação FEAC, a cargo do Departamento de Comunicação, voltada para divulgar a experiência em tecnologia social desenvolvida pela instituição e suas mais de 100 entidades filiadas em Campinas e região.

Esta obra foi impressa na Gráfica Editora Modelo Ltda. em papel couché fosco 115g/m² de miolo e capa em triplex 250g/m², no ano de 2004, com tiragem de 3.000 exemplares.

Para início de conversa

A mobilização das mulheres pela democratização social e política do Brasil foi um dos momentos marcantes da história recente do país. Foram vários os exemplos de empenho pessoal e coletivo, apontando para o protagonismo proativo das mulheres, que passaram a conquistar espaços e posições cada vez mais importantes na sociedade brasileira, tradicionalmente conservadora e patriarcal.

Um desses exemplos é o dos Grupos de Mulheres que, desde o final da década de 1960, vêm promovendo a cidadania de suas integrantes em vários bairros de Campinas, por meio de trabalhos com arte, educação, cultura, geração de renda e discussões qualificadas sobre os temas mais importantes do cotidiano.

Os Grupos de Mulheres nasceram como Clube de Mães, em 1967, e se constituem o primeiro grande projeto social criado pela Fundação FEAC ainda em atividade. Depois a iniciativa evoluiu para o formato atual, de Programa Mulher, Arte e Cidadania. De fato, foi a partir dos Clubes de Mães que a FEAC iniciou a sua ação social e depois de mais de três décadas o projeto acumulou uma importante experiência de inclusão social e mobilização cidadã.

Um dos aspectos cruciais da experiência é que ela começou quando o Brasil vivia um momento político dramático. A sociedade civil buscava construir espaços alternativos de reunião e expressão. As mulheres, em particular, procuravam estruturar canais que viabilizassem a continuidade de sua luta histórica por liberdade e dignidade. Em Campinas e região, os Clubes de Mães cumpriram esse duplo papel.

Depois de mais de 30 anos, os Clubes de Mães, hoje transformados em grupos associados ao Programa Mulher, Arte e Cidadania, continuam tendo uma função importante na vida da comunidade. São espaços de edificação da auto-estima, de alimentação de talentos artísticos e de geração de renda para centenas de mulheres de vários bairros de Campinas. Em um momento em que a globalização suscita novos desafios em termos de mobilização e ação social, a Fundação FEAC considera, por todos os motivos listados, um dever compartilhar com a comunidade como tem sido a eficiente e emocionante experiência do Programa Mulher, Arte e Cidadania.

Sumário

Parte I - História de paixão e ação

O que é um Grupo de Mulheres	7
Como nasceram os Clubes de Mães	9
Fundamentos dos Clubes de Mães	11
Implantação dos Clubes de Mães	13
Os primeiros grupos	15
Fase de expansão: feiras de artesanato	19
Novas etapas do projeto: nova realidade social	20
Anos da virada	21
Conquistas dos Grupos de Mulheres	25

Parte II - Como fazer

Constituição do grupo	30
O espaço comunitário - as reuniões	32
Trabalho artístico, da produção à venda	35
A conquista maior: construindo de projetos de vida	44



Grupo de Mulheres Criança Feliz

Parte I

História de paixão e ação

De acordo com a definição das próprias coordenadoras dos Grupos de Mulheres, sua missão básica "é a integração da mulher na comunidade, a valorização da mulher na sociedade, a conscientização da mulher quanto à sua saúde, à unidade familiar, ao aproveitamento de cada fase da vida e à sua participação comunitária num processo educativo".



Grupo de Mulheres Padre Manoel da Nóbrega



O que é um Grupo de Mulheres

Um Grupo de Mulheres é formado com o objetivo de promover a cidadania ativa das mulheres, a partir da formação e da valorização da auto-estima das integrantes. Outro entre seus propósitos é estimular o desenvolvimento das habilidades artísticas das mulheres e, com isso, criar alternativas concretas de geração de renda.

O Grupo de Mulheres também é um importante ponto de referência em uma comunidade que, a partir dele, pode reconstruir a sua auto-estima e se tornar um exemplo para iniciativas semelhantes.

Com base no Grupo ou nos Grupos de Mulheres, podem ser realizadas, por exemplo, feiras de artesanato, para a comercialização dos produtos elaborados pelas integrantes e o reforço dos laços de união entre os Grupos e suas comunidades.

O Grupo também pode ser o local de festa, de celebração da vida comunitária e fomento à alegria como combustível essencial para a melhoria das condições de vida dessa comunidade. Pode, ainda, estimular a participação das mulheres em eventos de interesse comunitário, como manifestações pela paz e proteção ao meio ambiente.

Os Grupos de Mulheres são um espaço de troca de experiências, de compartilhamento de desejos e expectativas. Podem, nessa perspectiva, propiciar um interessante encontro de gerações, de interação entre mulheres de diferentes idades, cada uma com sua história de vida, cada uma com algo a contar.

No caso dos Grupos de Mulheres associados ao Programa Mulher, Arte e Cidadania da FEAC, a interação entre mulheres de diferentes faixas etárias já acontece na prática. Inicialmente, com os Clubes de Mães, as integrantes eram basicamente da mesma faixa etária. Na atualidade, entretanto, já participam muitas jovens, inclusive mães.



Como nasceram os Clubes de Mães



“Os Clubes de Mães nasceram em um período crítico para a vida do País. 68 foi o ano do AI-5. Por várias vezes tive de explicar o que estávamos fazendo para as principais autoridades militares em Campinas. Nesse sentido, acredito que os Clubes de Mães foram algo de fato revolucionário para a vida das mulheres que passaram a participar. E o projeto continuou, amadureceu e cresceu porque tínhamos bem claro o que queríamos, desde o início”.

(Maria Aparecida Souza Pinto, assistente social da Fundação FEAC de 1967 a 1997).

“Hoje as coisas estão mudadas, a televisão leva mais informação para as pessoas, mas naquela época era diferente. Essas mulheres não tinham muita noção sobre as coisas importantes para suas vidas. Acho que o Clube de Mães foi uma escola muito bonita e prática para elas”.



(Otília Forster, uma das fundadoras do Grupo do Jardim São Vicente).

Os Grupos de Mulheres nasceram, em vários bairros de Campinas, inicialmente como Clubes de Mães, como uma alternativa à visão tradicional que destinava à mulher um papel secundário na sociedade. Mas a sociedade brasileira é cada vez mais complexa, os desafios sociais são cada vez maiores. A intensa urbanização ocorrida no Brasil a partir dos anos 60 e 70 fez com que muitos valores da sociedade patriarcal fossem questionados. Os problemas sociais também aumentaram. Uma família não pode depender mais apenas do salário de uma pessoa, no caso, o pai, na estrutura familiar tradicional. Além disso, cresceu muito o número de famílias chefiadas por mulheres, o que naturalmente as leva à busca de alternativas concretas de geração de renda e exercício da sua cidadania.

Objetivamente, o Projeto Clube de Mães foi idealizado pela Divisão de Defesa Social do Departamento de Serviço Social da FEAC, criada com o objetivo de “elaborar programas de caráter preventivo-promocional para atuação junto a usuários de obras sociais filiadas ou não, assim como de populações periféricas marginalizadas (marginalização sócio-econômica e geográfica)”.

A FEAC havia sido criada em 1964, para aglutinar as entidades que faziam ação social em Campinas. A partir de 1967, os dirigentes da instituição sentiram a necessidade de impulsionar

um projeto de alcance comunitário, que não envolvesse apenas as entidades filiadas. Esse projeto foi o Clube de Mães.

A idéia de estimular a formação de grupos de mulheres, sobretudo entre a população de baixa renda, foi inspirada no Movimento Arrastão, realizado em São Paulo por lideranças como Lucy Montoro, Maria Tereza Coutinho Nogueira e Lúcia Vidigal. O Arrastão mobilizava voluntárias para promover trabalhos de ação social junto a mulheres da periferia paulistana.

Ações do Movimento Arrastão foram acompanhadas por Maria Aparecida Souza Pinto, a Cidinha, uma das primeiras profissionais de assistência social da FEAC. Em conjunto com Maria José Mangili, primeira chefe do Departamento de Serviço Social da FEAC, Cidinha idealizou uma atividade semelhante em Campinas.

Grupo de Mulheres Romanilia Maria/Martas e Marias



Fundamentos dos Clubes de Mães

Metodologia de trabalho

A metodologia do Projeto Clube de Mães estava baseada em cinco pontos principais:

- Assessoramento a cargo de um assistente social da FEAC - Departamento de Serviço Social - Divisão de Defesa Social.
- Coordenação dos núcleos de Clubes a cargo de voluntárias treinadas.
- Supervisões individuais e grupais realizadas periodicamente.
- Encontros mensais com voluntárias coordenadoras.
- Contatos periódicos do assessor com os núcleos de Clubes de Mães.

O Programa de Educação de Base - Projeto Clube de Mães tinha, entre outros, esses fundamentos, nos termos usados por suas idealizadoras:

- “Marginalização de famílias de comunidades periféricas e precariedade de condições sócio-econômicas das mesmas.
- Sistema assistencialista de atendimento ao usuário por parte de obras sociais.
- Subemprego e desemprego e, como conseqüência, nível de aspirações caracteristicamente baixo.”

Ou seja, desde o primeiro momento, o Projeto considerava como seu público-alvo as mulheres de baixa renda e também considerava o caráter assistencialista então predominante nas entidades sociais. Além disso, indicava o subemprego e desemprego como sérios desafios a serem enfrentados.

Os Clubes de Mães de Campinas nasceram, então, com um duplo objetivo: (1) reunir mães de famílias de baixa renda em torno de atividades artesanais que possibilitassem a geração de rendimentos, e (2) construir espaços para o debate de temas ligados diretamente ao cotidiano dessas mulheres, como os seus relacionamentos interpessoais, assuntos de sexualidade e até questões mais complexas, vinculadas à vida do País.

Naquele momento, o Brasil vivia um contexto de grave tensão social e política. Espaços alternativos de reunião e expressão eram fundamentais para a formação da consciência de cidadania e participação. Também era o momento de expansão urbana e industrial das grandes cidades paulistas, o que gerava múltiplos desafios na área social. Na década de 1960 a população de Campinas saltou de 219.303 para 345.864 pessoas, com um crescimento anual de 5,54%, dobro da média nacional.





Implantação dos Clubes de Mães

O primeiro passo para a implantação dos Clubes de Mães foi o treinamento das voluntárias que iriam trabalhar com os grupos de mulheres. As voluntárias receberam indicações de como atuar em conjunto, coordenar grupos, como abordar determinados assuntos e como estimular os talentos artísticos das mulheres de baixa renda com quem iriam trabalhar.

O propósito do treinamento era garantir que os conceitos transmitidos para as mães fossem difundidos para o seu núcleo familiar. A assessoria técnica era oferecida pelas profissionais da FEAC, em uma modalidade de serviço que marcaria a vida da instituição ao longo dos seus anos de atividades. No decorrer do projeto, as coordenadoras dos Clubes de Mães deixaram de ser voluntárias da sociedade e os grupos passaram a ser coordenados por lideranças do bairro. Os grupos que se formaram nesse percurso já eram criados por movimentos locais e coordenados pelas lideranças dos bairros.



Os primeiros grupos

O primeiro Clube de Mães criado com supervisão da FEAC, em 1967, reuniu mulheres que tinham filhos atendidos pelo Hospital Álvaro Ribeiro, dedicado às crianças pobres de Campinas. O Álvaro Ribeiro foi uma das primeiras entidades filiadas à FEAC, no final da década de 1960.

O segundo Clube de Mães e o mais antigo em atividade no início do novo século, é o do Jardim São Vicente. O Clube começou a partir de um trabalho que já existia no bairro, de distribuição de alimentos para famílias de baixa renda.

Da distribuição de alimentos, o Clube de Mães do São Vicente evoluiu para a reunião de mulheres em torno da produção de artesanato e do resgate da auto-estima. Logo o grupo já reunia 60 mulheres, muitas delas de famílias que tinham migrado para Campinas à busca de melhores condições de vida. Como foi o primeiro, fora de uma entidade filiada, o Clube de Mães do São Vicente foi uma espécie de “laboratório” para o projeto da FEAC. Em função do grande número de participantes, o São Vicente teve três núcleos de Clubes de Mães.

É importante destacar, ainda, o Grupo de Mulheres da Paróquia de Santa Tereza D’Ávila, na prática o mais antigo em atividade. Foi formado em 1962, por Nair Dias Lopes Teles, Esmeralda Ramalheira e Benedita Lázara Ferreira Donadon, inicialmente como Grupo de Senhoras da Paróquia e que já desenvolvia trabalho de geração de renda e cidadania com mulheres carentes da Vila Industrial. Depois que o projeto Clube de Mães foi criado, o Grupo de Senhoras da Paróquia Santa Tereza D’Ávila se incorporou à iniciativa.

Primeiras voluntárias

Ana Lia Morais Novais, Maria Ignez Chagas Schwarzstein, Ana V. Ginefra Braz da Silva, Maria Cristina Fakiani, Lygia E. Martins, Maria Luisa P. Silva, Sônia Vicente Azevedo, Iracema Stanis Lopes, Zélia Camargo, Aparecida Sevá, Maria Luisa Sevá, Maria do Carmo Castro Andrade, Maria Alice Lacerda, Yolanda Bertolini, Iracema Damasceno, Otília Forster.



Outras voluntárias pioneiras

Lia Munhoz Svarman, Dirce Griesi, Zélia Bueno, Anita B.Silva, Maria Elisa Focesi, Heloisa Maria Soares de Camargo, Dolisa Pereira da Silva, Rosana Rheiboldt, Terezinha Pena, Irene Bertolini e Edna Landgraf.

Outros grupos ao longo da história

Associação de Ensino Crescer, Instituto Dom Nery, Centro Social Presidente Kennedy, Jardim Aurélia, União Social de Cultura e Esporte Vila Nova, Sociedade Espírita de Trabalho e Assistência, Vila Perseu Leite de Barros, Vila Costa e Silva Jardim Santa Cândida, Vila Marieta (na sede da Loja Maçônica Inconfidência Terceiro Milênio), Jardim do Vovô (na Igreja Metodista) Vila Lemos (na Casa Paroquial São Judas Tadeu), São Bernardo (chegou a ter três grupos), Jardim São Pedro Jardim Santana, Sousas (parceria da Casa da Criança e Associação de Pais e Mestres da Escola "Thomás Alves") Jardim das Bandeiras Jardim Parapanema Jardim Pacaembu.

Outros grupos que iniciaram o projeto:

Creche Vila Lemos (Lions Clube) e Vila Tofanello
APAE
Castelo Branco
Exército da Salvação
Sociedade Beneficente Adventista Dorcas
Posto de Puericultura Santa Odila

Outros grupos pioneiros

São Roque - Este Clube nasceu no Ambulatório São Roque, com a participação de mulheres que tinham filhos atendidos. No início, teve reuniões em espaços cedidos por várias denominações e crenças religiosas, como a Igreja Católica e igrejas protestantes, e grupos espíritas. Essa tem sido uma marca dos Clubes de Mães, em toda a sua trajetória, o de ser um espaço totalmente ecumênico.


Santa Mônica - O Clube foi criado em 1970, sob a coordenação da voluntária Célia de Barros Pimentel. Dois anos depois, foi instalada no bairro a União Cristã Feminina, que passou a se dedicar ao atendimento de crianças de 4 a 12 anos, de famílias de baixa renda. A partir daí o Clube de Mães do Jardim Santa Mônica passou a ter apoio integral da União Cristã Feminina.

Parque Industrial - O Clube de Mães Santa Tereza D'Ávila, do Parque Industrial, nasceu a partir de uma mobilização social no bairro que data de 1962, com a distribuição de alimentos para famílias de baixa renda. Logo o Clube de Mães, criado em 1969, reunia mais de 130 mulheres. O crescimento foi tão grande que um segundo grupo, da Cidade Jardim, foi criado a partir do primeiro.

"Eu entrei para o grupo sem nenhuma habilidade manual, e ainda não sei costurar ou bordar. Mas tenho participado da vida do grupo em todos os momentos. E essa foi uma grande lição: um grupo de mulheres voltado inicialmente para o desenvolvimento de artes manuais não pode excluir ninguém, mesmo que a pessoa não tenha habilidade para isso. Ela pode desenvolver outros talentos".

(Célia Barros Pimentel, que participa do grupo do Jardim Santa Mônica desde a sua criação).





Fase de expansão: feiras de artesanato

A partir de 1970 foram realizadas feiras anuais de artesanato, reunindo os trabalhos executados pelas integrantes dos vários Clubes de Mães e, depois, Grupos de Mulheres. As feiras, fundamentais para fortalecer o trabalho dos Grupos, foram idealizadas com o triplo objetivo: (1) dar maior visibilidade ao trabalho dos grupos e especificamente o talento das mulheres; (2) possibilitar o trabalho conjunto dos grupos; e (3) arregimentar novas voluntárias para a ação social, por meio da visão concreta de uma possibilidade de atuação.

Locais das feiras - As primeiras feiras foram realizadas em espaços cedidos pela comunidade, preferencialmente em lojas disponíveis na região central de Campinas. A partir de dezembro de 1981, com a inauguração do Shopping Center Iguatemi, os grupos passaram a contar com um espaço permanente de comercialização de seus produtos artesanais. A loja permanente durou até 1985. Depois disso, as feiras voltaram a ser anuais.

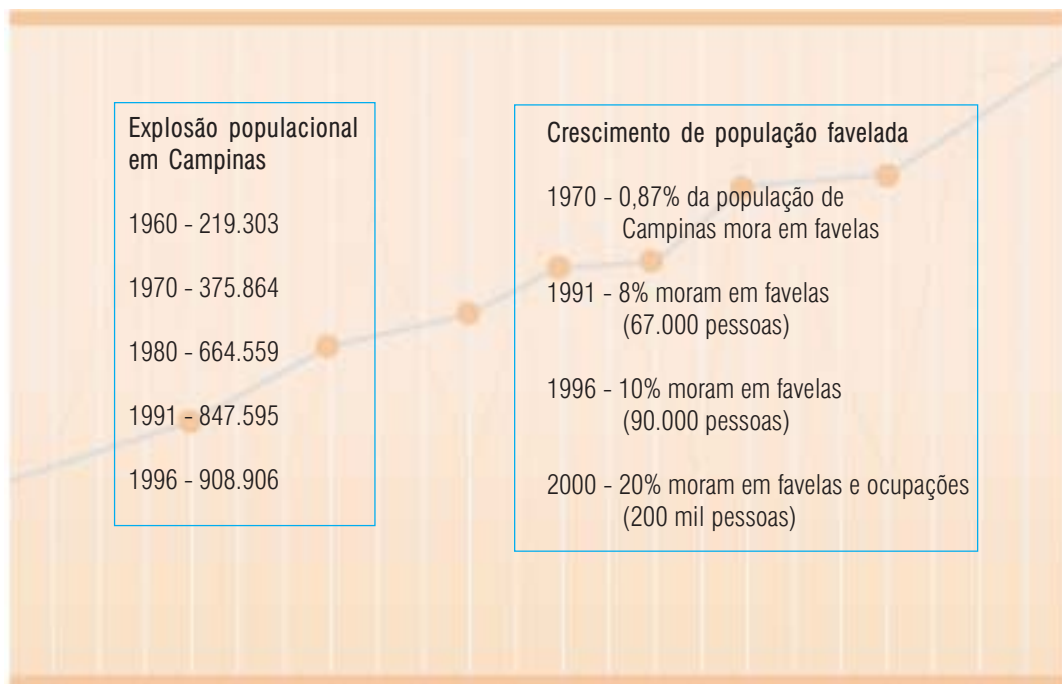
Impacto das feiras - As feiras propiciaram um salto de qualidade no trabalho dos Clubes de Mães e, depois, Grupos de Mulheres. As mulheres passaram a sentir a necessidade de aprimoramento permanente de seus produtos, visando à sua maior aceitação pelo mercado. Passaram a ter, enfim, uma visão mais estratégica de comercialização, abandonando aos poucos a postura amadora. Os cursos de artesanato, em geral oferecidos pela Fundação FEAC, tornaram-se uma demanda constante por parte dos grupos.

Grupo de Mulheres Servidoras Léa Duchovni

Novas etapas do projeto: nova realidade social

O porquê da mudança - A FEAC buscou novos rumos de atuação a partir do início da década de 1990. Um dos motivos foi o grande aumento do número de entidades filiadas, chegando a mais de 100 instituições e departamentos em 2004. Outro, foi a prioridade de atuação na área da criança e do adolescente, especialmente em termos de projetos educacionais.

Outro aspecto importante que instigou a mudança de enfoque em relação ao trabalho dos Grupos de Mulheres foi a própria transformação social do País, refletida com grande impacto em Campinas. A cidade chegou a 908.906 moradores em 1996, ou quase **três vezes mais** (ver tabela) do que no momento em que os Clubes de Mães foram criados. Cresceu, sobretudo, a **população favelada** (ver tabela) em Campinas, aumentando os desafios sociais.



Anos da virada

1995

O ano da virada foi 1995, quando o projeto passou a ser coordenado por uma arte-educadora. Algumas ações nesse ano:

- Suspensão da feira de artesanato, objetivando a melhoria dos produtos que seriam oferecidos, dentro das novas exigências do mercado.
- Início do trabalho de oficinas de artesanato, com o treinamento de mulheres que pudessem agir como agentes multiplicadoras nos grupos.

1996

O projeto foi retomado efetivamente pelo Departamento de Relações com as Entidades (DRE), que passou a fazer parte do organograma da FEAC. Algumas ações nesse ano, para consolidar as mudanças:

- Elaboração do Projeto de Capacitação de Coordenadoras e Auxiliares de Coordenação - como fruto do diagnóstico de 1995, verificou-se a necessidade de melhor capacitação das coordenadoras e, também, de auxiliares de coordenação.
- As feiras passaram a se chamar Art em Casa. A primeira foi em outubro, no centro de compras Outlet, com criação de logomarca e confecção de vários materiais.



Célia Barros Pimentel e Grupo de Mulheres
União Cristã Feminina

Etapa contemporânea: busca da qualidade e qualificação

O enfoque do projeto foi a organização dos Grupos de Mulheres e a capacitação das coordenadoras e auxiliares de coordenação. Capacitação ampliada para os técnicos das entidades que desenvolvem o projeto. Foi elaborado o primeiro “Manual de Procedimentos” para dar subsídios às coordenadoras na organização dos grupos.

1997

- Com base nos diagnósticos anteriores, ficou estabelecido pelas coordenadoras que os antigos Clubes de Mães deveriam passar a se chamar **Grupos de Mulheres**, em função de suas novas características, incorporando participantes de várias faixas etárias.

O projeto passou a ser denominado **Liderança e Arte Educação**. Continuou a capacitação das coordenadoras e auxiliares. Nesse ano, a **conceituação** dos grupos foi mais bem detalhada. Ficaram definidos esses conceitos:

1998

- Compreensão do papel do grupo: “Nosso grupo como lugar privilegiado de **CRIAR E EDUCAR PARA A VIDA**”.
- Compreensão da realidade social em que o grupo está inserido: “A **COMUNIDADE** como nossa realidade maior. Relação dos grupos com os parceiros locais”.

Outras ações em 1998:

- Elaboração de metodologia para organização das Feiras Art em Casa.
- Discussão do Manual de Procedimentos com as coordenadoras.

O projeto passou a chamar-se **Mulher, Arte e Cidadania**, com a coordenação do setor de Arte Educação da Fundação FEAC. O objetivo central do projeto é ter as lideranças dos grupos capacitadas para desencadear o exercício de cidadania das **mulheres** que participam do projeto em suas comunidades. Ações para consolidar e ampliar o projeto:

1999

- Treinamento das coordenadoras e auxiliares.
- Ampliação do número de grupos vinculados à FEAC.
- Elaboração de instrumentais para organização dos grupos:

Grupos em 2004

Andorinhas

Castelo Branco/Reviver

Cristo Ressuscitado

Jardim Conceição

Jardim Novo Maracanã

Jardim São Vicente

Romilia Maria/Martas e Marias

Padre Manoel da Nóbrega

Santa Genebra

Léa Duchovni

União Cristã Feminina

Caminhando com Jesus

Grupo Comunitário Criança Feliz

*Jardim Campos Elíseos/
Mulheres em Ação*

Jardim Nova Mercedes

*Jardim São Fernando/
Renascer*

Jesus de Nazaré/Parque Itajaí

*Nossa Senhora
Misericórdia*

Paróquia Santa Tereza

São João Vianney

Vila Perseu

Controle Financeiro, Material fornecido para confecção de artesanato, Inventário de produção, Registro de vendas, Vendas realizadas durante o ano, Relatório de monitoramento de grupo.

- Aperfeiçoamento do Manual de Procedimentos.
- O material entregue aos grupos, além de quantificado, é valorizado para privilegiar o custo final do produto confeccionado.

2000

Os objetivos de 1999 foram ampliados:

- Possibilitar a aprendizagem de técnicas artesanais para ampliação do universo de produtos confeccionados pelos grupos.
- Estimular a participação comunitária, possibilitando ações sociais para formação de redes comunitárias e de participação política e social.
- Início da discussão com as coordenadoras sobre Cooperativismo.

2001/2002

- Contratação de estagiária em Serviço Social para aprimorar diagnósticos dos Grupos e assessoria técnica
- Desenvolvimento da atividade Nutrição e Arte, visando enfatizar a boa nutrição como uma arte e elemento para conquista da qualidade de vida e resgate cultural, através da comida típica brasileira.
- Discussão sobre legislação - LOAS, LDB e ECA - com as mulheres, enfatizando o seu papel como educadoras.

2003/2004

- Investir nas habilidades manuais e em técnicas artesanais, possibilitando às mulheres dos grupos inscritos condições de concorrer no mercado com produtos de qualidade e boa aceitação, e assim contribuindo para a construção da cidadania
- Revisão do Manual de Procedimentos e Instrumentais Financeiros, em um caráter participativo, junto com os Grupos de Mulheres
- Incentivo à auto-sustentação financeira



Conquistas dos grupos de mulheres



(Eliana Aparecida Noveletto, ex-auxiliar de coordenação do Grupo Santa Tereza D'Ávila, do Parque Industrial, em Campinas)

“Quando entrei para o grupo do Parque Industrial, eu não tinha quase nenhuma experiência. Me casei muito cedo, aos 18 anos. Antes de entrar para o grupo eu ficava em casa, cuidando da limpeza e dos filhos. Eu me sentia incompleta. O que a gente aprende ficando só em casa? Só aprende a ter depressão, a ficar preocupada com o que o marido está fazendo, enfim, vive uma vida muito pequena. Mas o grupo de mulheres mudou tudo isso. Eu cresci muito nos 15 anos em que já participo do grupo. Lá não é só passar a mão na cabeça, não. A coordenadora cobra da gente, quando acha que deve. Mas lá também tem muito carinho, tem amor. Aprendemos muita coisa, desde como nos cuidar melhor. Eu me sinto muito mais forte hoje. Meu marido mudou sua relação comigo depois do grupo. Eu comecei um trabalho social depois de participar do grupo. Eu costuro e consigo roupa para cinco creches do meu bairro e outros lugares. Eu fazia tudo com uma máquina usada. Um dia alguém perguntou para o meu marido como eu ainda conseguia trabalhar com aquela máquina. No outro dia eu estava com uma máquina nova, que meu marido me deu. Hoje ele me ajuda muito nesse trabalho social. Os meus filhos também participam. Tudo isso por causa do grupo de mulheres. O grupo é o meu tudo”.

Depois de três décadas de experiência, os Grupos de Mulheres criados e estruturados com o apoio da Fundação FEAC têm obtido várias conquistas. Os Grupos têm, acima de tudo, recuperado e/ou fortalecido a dignidade das mulheres e, a partir disso, têm contribuído para a formação de eficazes agentes de transformação social.

I - Uma das conquistas fundamentais dos Grupos de Mulheres foi a valorização do espírito de participação, de sentido comunitário e da importância das decisões democráticas.

A busca permanente do Programa Mulher, Arte e Cidadania da Fundação FEAC tem sido para que os Grupos de Mulheres sejam de fato democráticos, como uma pequena reprodução do que se deseja para toda a sociedade brasileira. A intenção é que os Grupos se afastem o máximo possível das estruturas autoritárias e outras formas não-democráticas de organização social e comunitária (vide box).

II – Outra conquista expressiva dos Grupos de Mulheres é que elas se tornaram espaço de formação das integrantes, um local onde elas tomam contato com informações a que normalmente não teriam acesso.

Difusão de orientações gerais sobre temas de interesse das integrantes.

Alguns temas, entre outros, que aparecem com destaque na agenda de preocupações dos grupos:

Educação dos filhos - A influência da televisão, o desemprego, a falta de perspectivas, o perigo das drogas são questões que trazem novos desafios para as mães: como educar os filhos nesse contexto? Qual o caminho a seguir?

Sexualidade - A repressão histórica que dificulta o diálogo e o esclarecimento, o machismo dos maridos e companheiros, a preocupação com as doenças sexualmente transmissíveis são assuntos sempre presentes. O grupo é um espaço livre para a discussão desses temas delicados.

Cidadania - A dificuldade para ser atendida em um posto de saúde, a falta de vaga para o filho em uma escola, a longa espera para receber a aposentadoria. As questões de cidadania são tema constante, porque dizem respeito diretamente à vida das mulheres e suas famílias. O desafio do grupo é discutir abertamente essas questões, salientando que as mulheres são pessoas com direitos e deveres e que é possível agir para conquistar esses direitos.

Política - Muitas mulheres chegam a um grupo sem ter uma noção exata sobre o que faz um vereador ou um deputado, ou chegam totalmente descrentes da participação política. Sem partidatismo, o grupo pode demonstrar a importância da participação política e esclarecer sobre questões que, afinal, vão influir no dia-a-dia das mulheres e de suas famílias.

Diferenças entre grupos

A título de informação, são estes os quatro tipos mais comuns de grupos, nos mais diversos ramos da atividade humana:

Grupo democrático - As decisões são tomadas pelo grupo, atendendo ao interesse da maioria dos membros.

Grupo liberal - A aparência democrática esconde a ineficiência. Tem falta de organização. A liderança não se faz sentir, e é pequena a influência dos membros.

Grupo autoritário - É dominado por um indivíduo ou por uma parte do grupo. A liderança é dominadora.

Grupo laissez-faire - Sua principal característica é a improdutividade. A sensação geral é a falta de processo. Não atinge os objetivos, levando ao desinteresse.

“No grupo verdadeiramente democrático, a liderança está distribuída. Qualquer membro é líder quando apresenta a solução apropriada no momento preciso. A liderança passa de pessoa a pessoa a proporção que estas contribuem com alguma coisa para a consecução dos objetivos do grupo.” (Beal, George M.; Bohlen, Joe M.; Raudabaugh, J. Neil, “Liderança e Dinâmica de Grupo”, Zahar Editores, 6ª edição)



(Maria Luiza Sevá, integrante do grupo do São Roque desde o início).

Auto-estima - Em um contexto machista, uma mulher deve lutar de forma permanente pela sua valorização, o que em geral começa com o resgate da sua auto-estima. Em um grupo de mulheres, ela pode receber noções até de postura, de como se vestir bem e de maquiagem, para que ela se sinta realmente bonita, ou, em poucas palavras, de bem consigo mesma. Assim ela estará mais confiante para enfrentar os desafios do cotidiano.

Instituições - Um Grupo de Mulheres é excelente espaço para o esclarecimento de questões que dizem respeito diretamente à vida das integrantes e de suas famílias. Por exemplo, o Grupo pode fornecer informações preciosas sobre o que é um Conselho Municipal (como de Idosos, de Ação Social etc.), como funciona o sistema judicial, direitos do consumidor, questões ambientais etc.

“Acho que o Clube de Mães tem sido fundamental para muita gente. É muito importante, por exemplo, quando se fala de política, mas sem nenhuma tendência partidária. As mulheres ficam sabendo o que é de fato um prefeito, um vereador, um deputado, coisas que geralmente a escola não ensina, se é que elas passaram por alguma escola”.

III – Outra conquista dos Grupos de Mulheres tem sido o seu papel na formação de verdadeiras lideranças comunitárias, que podem atuar de forma decisiva na melhoria das condições de vida do seu bairro e de sua cidade.

A escolha bem-feita da líder do grupo é de fato fundamental para o bom andamento dos trabalhos. Nem sempre a líder é a escolhida para coordenar o Grupo. **Algumas características da verdadeira líder**, de acordo com integrantes e coordenadoras que há décadas atuam nos Grupos de Mulheres ligados à FEAC, são:

- A verdadeira líder sabe delegar poderes, na hora exata de tomar decisões. Ela sempre diz “nós fizemos” e nunca “eu fiz”.
- Líder é quem conduz um grupo ao objetivo proposto e aprovado por todos, é quem lança uma idéia e sabe ouvir opiniões a respeito.
- Líder é quem, diante de uma situação de desafio, apresenta sugestões aptas e positivas. Em um grupo, sabe perceber as sugestões dos participantes na direção de um consenso.
- Líder é quem assume as responsabilidades do grupo, junto com o grupo.

IV – Uma outra conquista importante dos Grupos de Mulheres é a sua preocupação cada vez maior com a qualidade dos produtos confeccionados pelas integrantes, tendo em vista um mercado cada vez mais exigente.

Na busca do aprimoramento dos produtos, os Grupos de Mulheres têm participado de múltiplas atividades, como feiras de artesanato, cursos de especialização, oficinas e mostras de arte.

As mulheres procuram um aperfeiçoamento constante em termos de planejamento e gerenciamento, como forma de multiplicar os ganhos com mínimos recursos.



Entidade Nóbrega

Parte II

Como fazer

"Nós sempre falamos de tudo no grupo, mas principalmente sobre a valorização da mulher, desde a manutenção dos cuidados mais simples de aparência, como um corte de cabelo ou um batom. Eu me sentia muito bem passando alguma coisa para elas, e cresci com elas. Meu marido e meus filhos sempre me respeitaram pelo trabalho que eu faço" (Terezinha Pena, do Grupo Jardim São Vicente desde 1969)

Constituição do grupo

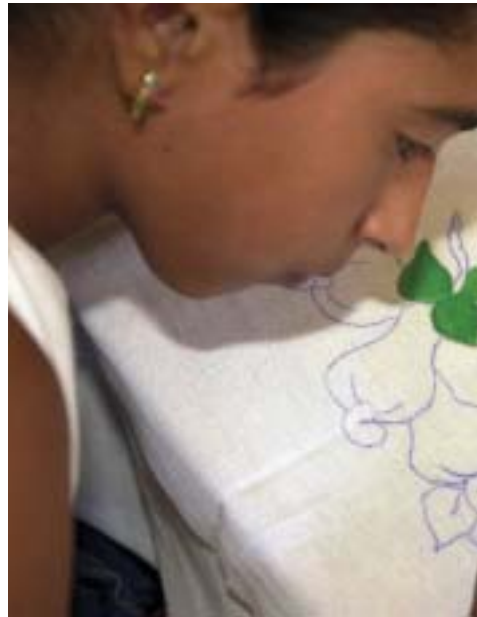
A formação de Grupos de Mulheres nas comunidades não é regulamentada por nenhuma legislação em vigor. Os grupos serão regidos de acordo com normas pré-estabelecidas pelas pessoas que os constituem e podem se originar de:

1ª - Voluntária(s) que se mobilize(m) e procure(m) um bairro para criar o grupo (mulheres da sociedade com disponibilidade para trabalho voluntário e habilidade para trabalhar em grupo).

2ª - Liderança da própria comunidade com potencial de articulação, que inicie um processo de organização de grupo (mulher oriunda da comunidade que tenha vontade e iniciativa de suprir as necessidades das mulheres que se encontram em uma mesma realidade, buscando a vivência em grupo, a valorização como mulher através de um ofício e, também, a complementação da renda familiar).

3ª - Uma instituição social que tenha no seu plano de ação o trabalho com grupo de mulheres (ampliar o seu trabalho social envolvendo as mães dos usuários e mulheres da comunidade, oferecendo uma metodologia de trabalho orientada por técnico da área social)

- Preferencialmente um grupo deve ter no mínimo quinze participantes, o número máximo fica limitado ao espaço que será utilizado para as reuniões e ao perfil da coordenadora e auxiliares de coordenação;
- Para se formar um grupo existe a necessidade de agregar mulheres que já possuem habilidade e conhecimento de técnicas artesanais para que sirvam de multiplicadoras;
- Os grupos devem prioritariamente atender mulheres adultas, mas a participação de jovens acima de 16 anos, em consonância com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), não deve ser descartada levando-se em consideração a necessidade e realidade do bairro.



Grupo de Mulheres Criança Feliz



Grupo de Mulheres
União Cristã Feminina

Coordenadora e auxiliares

O grupo deve ser composto por uma coordenadora e duas ou mais auxiliares de acordo com a necessidade.

Perfil da coordenadora: *ser democrática, articuladora, sensível à dinâmica do grupo dentro dos limites de cada integrante, acolhedora, politizada, com visão crítica da realidade do bairro em que estão inseridas e com habilidade em gerenciar conflitos.*

Papel da coordenadora: representar o grupo em reuniões e eventos promovidos pela comunidade ou órgãos públicos; incentivar a participação sistemática das mulheres; redigir e encaminhar solicitações em nome do grupo em todas as instâncias; controlar em instrumentais próprios a participação das mulheres nas reuniões; atualizar semestralmente as fichas cadastrais das participantes; delegar a participantes do grupo a função de auxiliar de coordenação, de acordo com suas habilidades; guardar e distribuir os materiais de consumo para confecção do artesanato; responsabilizar-se pelo controle financeiro do grupo, bem como a prestação de contas às participantes; detectar habilidades entre as mulheres e incentivá-las a ser multiplicadoras de seus conhecimentos; divulgar o trabalho do grupo para a comunidade e acolher sempre as pessoas que dele desejem fazer parte.

“Entrei para o Grupo em 1992. Fiquei sabendo que as mulheres estavam se reunindo no Grupo Comunitário. Aprendi a fazer bordado, ponto de cruz e crochê, mas principalmente aprendi os meus direitos de cidadã. Além de tudo, o que fazemos e é vendido ajuda na renda de casa. O Grupo é para mim uma grande motivação”.

(Rita Pereira da Silva, coordenadora do Grupo de Mulheres do Grupo Comunitário Criança Feliz”).

Perfil da auxiliar de coordenação: *ter habilidades específicas que auxiliem o trabalho da coordenadora, como controle financeiro, sensibilidade para receber novas participantes e propiciar sua integração no grupo, ter noção estética para que trabalho tenha uma boa aceitação no mercado, instigar o grupo a buscar novas técnicas de artesanato e cursos de aprimoramento para uma constante melhoria na qualidade dos produtos a serem comercializados. Auxiliar a coordenadora para que a administração do grupo tenha qualidade e alcance as metas estabelecidas.*

O espaço comunitário

O local onde se realizará as reuniões deve ser essencialmente comunitário para que possa garantir a participação de qualquer mulher da comunidade, independentemente do seu credo, raça, condição social, idade etc. Este espaço pode ser um centro comunitário, uma instituição social ou, ainda, um ambiente cedido por igreja (desde que não agregue apenas os seus seguidores).

As instalações devem ter uma boa iluminação, ventilação, mesa, cadeiras para todas as participantes, armários com chave, para guardar o material de consumo e os trabalhos já prontos, e banheiro.



Grupo de Mulheres Paróquia Santa Tereza

As reuniões

- Devem acontecer semanalmente, ficando a critério do grupo uma ou mais reuniões por semana.
- Devem ter no mínimo duas horas de duração.
- Os encontros devem ser dirigidos pela coordenadora e/ou auxiliares podendo, ainda, haver um rodízio entre as participantes para que todas possam experimentar este papel e trocar experiências.
- A sistemática dos encontros deve obedecer aos seguintes passos:
 - recepção das participantes;
 - assinatura de lista de presença;
 - apresentação das novas integrantes sempre que isto ocorrer;
 - desenvolvimento das atividades;
 - confraternização.
- A proposta a ser desenvolvida durante a reunião deve ser dinâmica e diversificada, com momentos para aprendizagem e confecção de artesanato, apresentação dos trabalhos entregues pelas participantes e discussão de temas que envolvam o dia-a-dia das mulheres e da comunidade.
- Cabe à coordenadora estar atenta para que haja um bom



entrosamento entre as mulheres, um clima de confiança, companheirismo e cumplicidade, procurando sempre administrar possíveis conflitos.

- Todas as novas integrantes devem ser informadas sobre as regras do grupo e contrato de convivência.
- É importante que o grupo reserve um momento para confraternização. Uma opção é que, em sistema de rodízio, duas ou três mulheres fiquem responsáveis pelo lanche.
- Sendo o grupo um espaço de valorização da mulher e exercício da cidadania, deve haver discussão de temas relacionados diretamente ao cotidiano, bem como os seus relacionamentos interpessoais, sexualidade, controle de natalidade, educação alimentar, saúde, educação dos filhos e até questões mais complexas, vinculadas à comunidade, à cidade e ao País.
- Para discussão dos temas, previamente determinados, a coordenadora do grupo pode lançar mão de profissionais especializados (palestras e cursos) e materiais didáticos. Todas as mulheres devem estar atentas na busca de assuntos e parcerias que possam contribuir com o grupo.

Grupo de Mulheres Padre Manoel da Nóbrega





Grupo de Mulheres Romanila Maria/
Martas e Marias

Trabalho artesanal e artístico, da produção à venda

O grupo deve reunir-se para que haja a definição do tipos de trabalhos que serão executados pelas mulheres. Para isso, é necessário fazer um diagnóstico entre as participantes identificando suas habilidades e conhecimentos. A partir daí, estabelecer uma metodologia da troca de conhecimentos, em que todas possam manifestar seu desejo de aprender aquilo com que mais se identifica.

Exemplos: crochê, tricô, bordados (ponto cruz, vagonite, arraiolo etc.), pintura em tecido e tela, abrolhos, *patchwork*, corte e costura, matelassê, confecção de bonecas, bijuterias etc.

Recursos financeiros para implantar um grupo de mulheres

- Para iniciar o trabalho, é necessário que o grupo se reúna e defina algumas estratégias para arrecadar os primeiros recursos financeiros para compra do material. Entre as ações, podem ser realizados “bazares da pechincha”, bingos, chás beneficentes, campanhas junto aos recursos da comunidade, comércio, lojas especializadas em artigos artesanais e o poder público.
- O grupo deve buscar parcerias que possibilitem o desenvolvimento da proposta social, firmando acordos para utilização de espaços sem nenhum custo, tendo sempre em vista o cunho social da ação proposta.

Compra de material

- Definido que tipo de artesanato será desenvolvido, deve-se fazer uma lista de materiais necessários. A quantidade de cada produto (linhas, tecidos, tintas etc.) deve ser compatível ao número de mulheres que utilizarão o material.
- Sugere-se que a coordenadora faça uma pesquisa de preços para definir o que mais convém ao grupo, de acordo com a qualidade dos produtos, formas de pagamento e disponibilidade.
- Cada integrante do grupo deve possuir o seu equipamento de trabalho (tesoura, agulhas para crochê e bordado, pincéis etc.), para que possam confeccionar seus produtos em casa.
- Todas as compras devem ser acompanhadas de nota fiscal ou cupom de máquina registradora para posterior prestação de contas e contabilidade.

Critérios para distribuição de materiais entre as participantes

- O tipo de material a ser entregue dependerá do estágio de desenvolvimento do grupo.
- O material deve atender à demanda da aprendiz e da artesã, devendo, portanto, ser diversificado.
- Para a aprendiz, deve ser entregue um material básico com o qual ela possa desenvolver sua habilidade (exemplo: saco alvejado, retalhos de tecidos para bordados, sobras de linhas etc.).
- A coordenadora faz a entrega do material para cada participante após analisar o pedido feito por elas e analisar a quantidade solicitada e necessária.
- Cabe à coordenadora criar um método para controle da entrega de materiais.
- A coordenadora também deve orientar a participante quanto ao bom uso do material e a devolução de eventuais sobras para o grupo.
- O material necessário para execução de duas tarefas na mesma peça pode ser entregue conjuntamente.

- Cada participante deve ser orientada a executar um trabalho de cada vez, para poder receber o melhor acompanhamento possível.
- A coordenadora deve orientar sistematicamente a participante quanto à data de devolução do trabalho e, nesse momento, a participante poderá solicitar o material para confecção do próximo trabalho.
- A coordenadora é responsável pela obtenção e manutenção do padrão de qualidade dos trabalhos feitos pelo grupo. As participantes que ainda não têm o padrão de qualidade definido devem receber orientação específica e acompanhamento mais próximo.
- O grupo deve ter um controle organizado de aproveitamento de sobras de materiais e de devolução das sobras.
- Todas as peças prontas devem ter uma identificação da autora para facilitar o pagamento.

Produção dos Trabalhos Artesanais

- Todos os grupos devem conhecer as possibilidades do mercado de aquisição de seus trabalhos para decidir pela sua execução.
- A coordenadora deve trocar informações com grupo e observar a realidade de vendas para manter-se atualizada.
- Considerando-se o custo e a facilidade de escoamento e venda, sugere-se a confecção de peças de menor porte, prioritariamente, adequando-se o interesse, suas habilidades, custo da peça e facilidade de venda.
- Peças e jogos especiais que exigem maior investimento de material e mão-de-obra, via de regra, devem ser produzidos por encomenda direta do consumidor ou para atender a eventos especiais, como feiras, exposições etc.
- Cada grupo deve ter um mostruário dos trabalhos que consegue realizar, tipo pasta-catálogo ou pano de amostra, para motivar os clientes a fazer suas encomendas.
- Cabe à coordenadora atentar para qualidade dos produtos confeccionados, visto que isso será requisito básico para que o produto seja comercializado em feiras e eventos.

Organização de Feiras e Eventos

- Cabe à coordenadora, auxiliares de coordenação e demais participantes manter um esquema de busca de locais e parceiros para realização de feiras, bazares etc., sendo que as datas deverão ser negociadas sempre após consulta ao grupo.
- O grupo deve estar atento aos eventos realizados na comunidade (festas religiosas e escolares, além de comemorações especiais como Dia dos Pais, Dia das Mães, Dia dos Namorados, Natal etc.) para que possa participar comercializando os produtos.
- A ausência de alguma participante na reunião decisória não deve alterar as decisões tomadas pela maioria presente.
- Todas as atividades de montagem e desmontagem dos eventos e os plantões de atendimento devem ter, impreterivelmente, a participação de todo o grupo.
- A função de Caixa durante um evento deve ser revezada entre duas pessoas no máximo. Isso facilitará a futura prestação de contas à coordenadora.
- Após a realização de cada evento, cabe à coordenadora organizar uma reunião com as participantes para prestação de contas e avaliação final.
- As datas previamente estabelecidas para as providências de um evento como: entrega e retirada de material, e escala de plantão, devem ser cumpridas para garantir o bom funcionamento do trabalho geral.
- A coordenadora deve elaborar previamente uma lista de produtos entregues, com indicação de preços, a fim de se resguardar de eventuais perdas de peças.
- Após o fechamento da lista de produtos, não deve ser acrescido mais nenhum trabalho, salvo exceções contratadas previamente.
- Os produtos que não estiverem devidamente etiquetados com o valor da peça e o nome da artesã não devem ser colocados à venda.
- As etiquetas devem estar anexadas às peças e ser retiradas após a venda, sendo guardadas para futura prestação de contas e pagamento da artesã.
- Os produtos que não estiverem dentro dos padrões de qualidade exigidos pelo evento não devem ser encaminhados para exposição.
- As mulheres designadas para os plantões devem seguir rigorosamente as regras internas do local de realização do evento.
- Os custos referentes à realização do evento devem ser subtraídos do valor total da venda dos produtos.

Local do Evento

- O local a ser escolhido para a realização de uma feira, bazar ou exposição deve obedecer aos seguintes requisitos:
 - estar limpo e organizado para a valorização das peças que serão expostas;
 - ter iluminação e ventilação apropriados;
 - ser de fácil acesso ao público (estacionamento);
 - possuir grande fluxo de pessoas, preferencialmente, de mulheres que são as maiores consumidoras;
 - ter infra-estrutura básica de sanitários, espaço para alimentação etc.
- O evento pode ser organizado em *shopping centers*, igrejas, escolas, empresas, feiras comunitárias, feira livre, aeroporto, ponto comercial cedido momentaneamente etc.

Montagem e Decoração

- O evento deve ser montado de forma que todos os trabalhos fiquem expostos, com fácil acesso do público.
- Para facilitar a venda dos trabalhos, eles devem ser divididos por itens como: panos de prato, toalhas de mesa, toalhas de banho, tapetes e demais produtos.
- A decoração deve ser simples e criativa, mas seguindo o padrão do espaço a ser utilizado, pois a maior atração devem ser os trabalhos artesanais.
- É necessário que seja confeccionada uma faixa ou *banner* que identifique o grupo (nome), com telefone para contato.
- Caso o espaço não tenha móveis (armários, prateleiras, balcões, caixa registradora etc.), o grupo deve se mobilizar em busca de parcerias para equipá-lo.

Venda

- O grupo deve ter clareza de que os produtos de todas as participantes tenham iguais oportunidades de venda perante o cliente.
- Os trabalhos prontos e disponíveis para venda devem ser embalados e mantidos na sede do grupo, na casa da coordenadora ou em outro local definido pelo grupo, de fácil acesso aos compradores.
- Os trabalhos produzidos pelas aprendizes devem ser comercializados em feiras organizadas no próprio bairro ou de outras formas encontradas pelo grupo.
- Os trabalhos que serão vendidos em feiras devem ser identificados com uma etiqueta própria contendo o nome do grupo e da artesã, preço da peça e telefone para contato, para que o comprador possa fazer futuras encomendas.
- O preço de venda de cada peça produzida deve ser estabelecido pelo próprio grupo, sob orientação direta da coordenadora, levando-se em consideração o preço praticado no mercado.
- O preço de venda de um produto é o resultado da combinação de dois fatores:
 - O custo mais o lucro desejado, que é igual ao preço de venda ideal.
 - Preço de mercado, que é o preço que o consumidor aceita pagar.
 - O equilíbrio entre o preço ideal e o preço de mercado é o que deve ser praticado.
- Para se calcular o custo é necessário levar em consideração o número de horas trabalhadas, o material utilizado, a embalagem e outros acessórios necessários à comercialização.
- Os lucros da venda dos produtos confeccionados pelas mulheres devem ser divididos na seguinte proporção:
 - 50% do valor da peça, para aquisição de novos materiais, o que garantirá a manutenção do grupo e possibilitará a aprendizagem das iniciantes;
 - Os outros 50% devem ser pagos para a artesã que a confeccionou, cabendo a ela decidir o destino desse recurso, como: para uso próprio, doação, passeios etc.
- O pagamento deve ser feito logo após a venda do trabalho ou conforme decisão do grupo como: mensalmente, semestralmente, anualmente etc.



Controle Financeiro

- O controle financeiro deve ficar a cargo da coordenadora do grupo.
- Cada grupo deve definir a melhor maneira de controlar suas finanças, tendo sempre como prioridade a transparência dos números.
- Pode-se optar pela abertura de conta corrente ou conta poupança, sempre com a assinatura de duas mulheres do grupo, socializando os extratos e os controles para o grupo sistematicamente;
- É importante a utilização de instrumentais para o controle financeiro, de acordo com a sugestão abaixo:

Controle financeiro

Data	Saldo	Produto	Valor da venda	Valor pago à artesã	Valor para uso do grupo	Valor depositado no banco	Saldo atual
Somente a última coluna deve ser somada (saldo atual)						Total do saldo atual	

Controle de Produção

- É necessário organizar um controle do material produzido e comercializado pelas mulheres para que, na ocasião de um evento, a coordenadora tenha uma noção do que há em estoque e o que deverá ser produzido.
- Também é importante o uso de instrumentais de controle de produção, de acordo com a sugestão abaixo:

Controle do material produzido

Data	Descrição	Quantidade produzida	Quantidade vendida	Saldo
Total				

Comunicação

As atividades de comunicação são fundamentais para multiplicar os resultados das ações dos Grupos de Mulheres, para divulgar as feiras de artesanato ou para divulgar outras atividades, como uma palestra importante sobre determinado assunto.

Alguns instrumentos que podem ser usados pelas mulheres para auxiliar na sua comunicação:

Comunicação interna - As ações para a comunicação interna são em geral executadas pela coordenadora do grupo. São atividades para facilitar os contatos e reforçar os laços de união. Alguns instrumentos possíveis:

Mural - Um mural no espaço de reuniões facilita a comunicação entre as integrantes do grupo. No mural, pode ser informado o horário da próxima reunião, a data de uma atividade importante para o grupo, e também pode ser divulgado um recado extra (oferecimento de quitutes caseiros, informação sobre uma vaga aberta em determinado local de trabalho etc.).

Boletim - A confecção de um boletim informativo do grupo é uma atividade importante, porque ajuda na informação das próprias mulheres e da comunidade em geral, que fica conhecendo melhor o grupo.

Comunicação externa - Ações de comunicação externa, dirigidas para a comunidade onde o grupo está inserido, são essenciais para o bom resultado de algumas ações do grupo, como as feiras de artesanato. Algumas ações que podem ser praticadas:

Convites - O envio de convites individuais sobre um determinado evento é um instrumento simpático e eficiente de comunicação.

Faixas - A colocação de faixas ou *banners* em locais estratégicos (por exemplo, perto de uma Igreja, um Centro Comunitário,



sempre com a autorização do responsável pela instituição) é um meio de divulgação que, em geral, traz bons resultados.

Rádio comunitária - As rádios comunitárias são um meio de comunicação cada vez mais importante nas cidades brasileiras. A divulgação de um evento por uma rádio comunitária é eficiente quando se quer atingir um público bem definido de um bairro ou uma região.

Release - Com o auxílio de um jornalista (que pode ser voluntário), é recomendável o envio de um *release* para os meios de comunicação sobre um evento mais importante, como uma feira de artesanato em local de maior visibilidade (como um *shopping center*). Release é uma notícia com os principais dados sobre o evento (local, horário, data, quem participa do evento, o que será comercializado etc.).

Folder - Com o auxílio de um publicitário (que pode ser voluntário), pode-se produzir um *folder* que contenha informações sobre a história e o nome do grupo, local, data e horário de funcionamento, atividades desenvolvidas, missão e telefone para contato. Este material deve ser distribuído em todos os eventos de que o grupo venha a participar, independentemente do tema do evento.

“Estou há sete anos no Grupo. Eu era professora do curso de pintura em tecido e acabei ficando. A renda obtida pela venda nas feiras e outras oportunidades é importante para as mulheres. E também são importantes as palestras sobre os vários temas, elas ficam muito mais esclarecidas”.

(Rosângela Aparecida Félix da Silva, coordenadora do Martas e Marias, Grupo de Mulheres do Centro Social Romília Maria).

A conquista maior: construção de projetos de vida

A construção ou renovação de projetos de vida de pessoas que poderiam estar condenadas à exclusão social tem sido a principal contribuição dos Grupos de Mulheres associados à Fundação FEAC. São dezenas de mulheres que mudaram radicalmente a sua vida a partir da participação nos grupos, onde adquiriram experiência, receberam esclarecimentos sobre assuntos essenciais à sua vida, desenvolveram os seus talentos, reforçaram a sua autoconfiança e, portanto, recuperaram ou construíram a sua auto-estima. Enfim, tornaram-se de fato mulheres com maior consciência de seus direitos e deveres e com melhor instrumental para enfrentar os desafios, às vezes grandiosos, impostos pela realidade brasileira.

Com certeza, pode-se dizer, enfim, que a missão indicada pelos próprios Grupos tem sido perseguida e seus objetivos plenamente alcançados. As mulheres são geradoras e guardiãs da vida. Em um momento em que a vida tem sido colocada em risco de diversas formas no Brasil, pelas múltiplas modalidades de violência, os Grupos de Mulheres são uma semente de esperança e de crença na possibilidade de construção de um País mais justo, fraterno e solidário.



“O grupo de mulheres foi muito importante para mim, principalmente nos últimos dez anos. Perdi meu marido e a maior parte da visão e o grupo é tudo para mim. Nele eu me completo”.

(Nair Dias Lopes Teles, coordenadora do grupo de Santa Tereza D'Ávila desde o início, em 1962).

“Espero muito do Grupo. Espero aprender muita coisa boa. Sempre é tempo de aprender”.

(Maria Helena Pereira de Souza, em seu primeiro dia no Grupo de Mulheres do Grupo Comunitário Criança Feliz, em março de 2004).

Os princípios da responsabilidade e da inclusão social demandam uma mobilização cada vez maior das mulheres como protagonistas fundamentais de um tempo de justiça, paz e respeito à natureza. Os grupos de mulheres, apoiados há mais de três décadas pela FUNDAÇÃO FEAC, são exemplos de compromisso e ação.

